

• Walter • Benjamin

Estética • Política Literatura • Psicanálise

Ricardo Timm de Souza Bruna de Oliveira Bortolini
Manuela Sampaio de Mattos Oneide Perius
 Helano Ribeiro Francisco Fianco
Tiago dos Santos Rodrigues Janniny Gautério Kierniew
 Evandro Pontel Gabriela Nascimento Souza
(Orgs.)



Walter Benjamin

Estética, Política, Literatura, Psicanálise

Atas do I Congresso Internacional
Walter Benjamin: barbárie e memória ética

Organização:

Ricardo Timm de Souza
Manuela Sampaio de Mattos
Helano Ribeiro
Tiago dos Santos Rodrigues
Evandro Pontel
Bruna de Oliveira Bortolini
Oneide Perius
Francisco Fianco
Janniny Gautério Kierniew
Gabriela Nascimento Souza



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Carole Kümmecke - <https://www.behance.net/CaroleKummecke>

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Associação Brasileira de Editores Científicos

<http://www.abecbrasil.org.br>

Série Filosofia e Interdisciplinaridade — 104

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

SOUZA, Ricardo Timm de; et al (Orgs.)

Walter Benjamin: estética, política, literatura, psicanálise [recurso eletrônico] / Ricardo Timm de Souza et al (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

649 p.

ISBN - 978-85-5696-564-6

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Filosofia; 2. Walter Benjamin; 3. Estética; 4. Literatura; 5. Psicanálise; I. Título II. Série

CDD: 100

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia 100

Uma caixa de costura no hospital: linhas e agulhas para bordar histórias

Janniny Gautério Kierniew¹

Cláudia Bechara Fröhlich²

Simone Moschen³

A calçada em frente a um dos maiores hospitais públicos da cidade de Porto Alegre, revela um microcosmo muito particular e bastante democrático. Ali se avizinham vendedores ambulantes dos mais diferentes tipos, que disputam um lugar entre os carros, os ônibus, os cachorros, as crianças, os passantes e os usuários do hospital. Entre os ambulantes, há aqueles que vendem meias, bonés, caixinhas de som, brinquedos e etc. até os que comercializam bebidas, chocolates e comidas rápidas. Os produtos parecem variar de acordo com as intempéries do dia. Por exemplo, se o dia está chuvoso, se vende guarda-chuvas, se está ensolarado, se vende água. Os objetos mudam, se adequam a cada vez, mas a estratégia de venda do comércio informal é sempre o mesmo: levando em conta a pressa de ir e vir das pessoas naquele espaço de urgência da vida. É uma organização particular, cadenciada por um tempo bem próprio, que é o tempo da rua, regida pela

¹ Doutoranda em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bolsista Capes. Endereço eletrônico: Janninyk@gmail.com.

² Professora do Departamento de Estudos Básicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, área de Psicologia da Educação. Endereço eletrônico: Claudiiafrohlich@hotmail.com

³ Professora do Programa de Pós-graduação em Psicanálise, Clínica e Cultura e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e bolsista em Produtividade em Pesquisa do Cnpq. Endereço eletrônico: Simoschen@gmail.com

configuração de um espaço cujo contexto são as bordas/arredores do cuidado em saúde.

Em 2015, quando nossa equipe de pesquisa fez as primeiras aproximações ao hospital – com o intuito de conhecer a intensidade dos movimentos dali para, adiante, propor experiências, no sentido de mirar um modo de transmissão da experiência e de colaborar que com o campo da educação em saúde, um desses ambulantes da calçada nos chamou atenção. Era o único comércio situado com um ponto fixo, que nunca mudava de lugar e que parecia ser ponto de referência aos demais negociantes e as pessoas que circulavam por ali. Por estar parado sempre na calçada, algo nos dizia que essa barraquinha, entendia muito bem do fluxo do hospital e saberia nos contar sobre as dinâmicas tramadas naquela região - afinal erámos uma equipe de pesquisadores estrangeiros, que não formava o quadro de funcionários da instituição e precisávamos assim, nos aproximar gradualmente para entender o que o lugar solicitava como possível proposta de intervenção. Decidimos então, que a nossa porta de entrada seria ao lado desse comércio fixo/ambulante, na rua, tentando formar um campo de escuta que pudesse nos aproximar das histórias e das pessoas que atravessam - e por vezes ficavam - no hospital.

Em um dia nublado e com anuncio de chuva, paramos ao lado desse fixo/ambulante, que descobrimos ser um famoso carrinho de *Kachurrasco* - com o tempo, entendemos que o *Kachurrasco* é o nome dado a uma comida muito próxima ao popular “Cachorro-quente/hot dog”, porém, ganha um certo tempero sulino, que diferente do pão, molho e salsicha, consiste em uma versão gaudéria, típica gaúcha, recheada com um grande pedaço de carne bovina assada. Essa comida híbrida que transita no *entre*, não sendo nem cachorro quente, nem churrasco, despertou nossa curiosidade, pois além da vontade de aprender como armar um ponto fixo e ao mesmo tempo ambulante, no hospital, somos uma equipe “híbrida”, com profissionais vindo do campo das artes, da psicologia e da educação, nos situando no *entre* instituições: nem uma, nem outra, uma

mistura; um certo hibridismo compartilhado característico dos movimentos de criação.

O *Kachurrasco* que ficava na entrada principal do hospital e era administrado por duas pessoas, também parecia ser uma espécie de referência aos demais ambulantes, funcionando quase como um ponteiro de relógio, indicando o giro das engrenagens e dos movimentos varejistas dali. Naquela tarde, quando os primeiros pingos de chuva começavam a dar sinal, estabelecemos uma boa conversa com os proprietários do negócio e conversa-vai, conversa-vem, nos sentimos autorizados pelos dois comerciantes a estacionar também o nosso inusitado comércio ambulante, a Carroça⁴, um negócio de compra e venda de histórias, ali nas imediações nas seguintes idas ao hospital. Essa autorização foi fundamental, pois notamos que a rua, mesmo sendo um espaço público, é regulada por leis de mercado do microcosmo de determinado espaço e contratos tácitos entre os ambulantes, que legislam as relações de troca e comércio. Ou seja, para vender ou trocar alguma mercadoria, é preciso consentimento e autorização dos demais ambulantes que ocupam a calçada, de modo que a autorização é concedida quando os ambulantes locais pensam que não há riscos de concorrência entre os estabelecimentos. Para conhecer os meandros desse mecanismo que faz parte da grande engrenagem que também compõe a vida do hospital, demorou alguns meses, mas a decisão de passar uma tarde próximo aos ambulantes, disponível ao encontro com as histórias e os passantes que frequentam o local, teve relação com a necessidade ética por sentir o pulsar da rua, acompanhar os detalhes dos movimentos dos passos e das pessoas, numa tentativa de ajustar nosso passo ao passo de um ritmo próprio dos sujeitos que frequentam o lugar. Foi uma aposta de que a rua poderia ser generosa a quem chega com respeito e dizer algo sobre esse tempo/espaço que tentávamos habitar.

⁴ A Carroça ou Armazém de Histórias ambulantes, projeto coordenado pela Artista Ana Flávia Baldisserotto. Para saber mais em: <http://www.historiasambulantes.com.br/>.

Neste dia, escutamos algumas histórias de dor e sofrimento - o que não era novidade, por se tratar de um caminho de passagem até um hospital. Porém, o inusitado aconteceu no meio da tarde, quando a chuva já estava longe. Ouvimos alguns gritos pela rua e uma certa multidão que se agitava. Um dos donos do *Kachurrasco* se aproximou e nos disse, em uma mistura de êxtase e preocupação - mais um dos tantos paradoxos que abriga este fixo/ambulante-, que havia acontecido um assalto nas proximidades e o suposto ladrão, que carregava uma faca, tentou abusar sexualmente da sua vítima, mas a tentativa tinha sido frustrada e o assaltante havia sido impedido por outros ambulantes - que, por sua vez, o prenderam dentro de um estacionamento próximo dali. Da calçada, num esforço de acompanhar com os olhos, ouvidos... enfim, com o corpo inteiro, toda a agitação do miolo desta tarde, convinha escutar as vozes, que mesmo contraditórias, compunham a trama de um crime. Mesmo que tivéssemos acompanhado a gritaria, a correria, a chegada da polícia, não sabíamos direito como reagir, nem mesmo passar adiante de forma coerente aquela narrativa. Será que aquilo que escutávamos havia de fato acontecido? Os movimentos das pessoas na história teriam sido motivados por aquelas intenções? Em meio a escuta atordoada dos corpos e falas em alta velocidade, precisamos lembrar - uns aos outros da equipe - que o que nos fisga é sobretudo uma escuta de algo que se ordena/se compõe pela ficção. Aquela narrativa literalmente nos pegou - de assalto - e ali, no vórtex do acontecimento, não importava mais se aquilo tudo existia como verdade factual ou não, afinal, na companhia de Lacan, apostamos que a “verdade tem estrutura de ficção”⁵.

A polícia chegou um pouco depois que os repórteres já estavam noticiando o incidente. Carros, câmeras, facas, sirenes e armas se misturavam aos ânimos curiosos da população que em

⁵ LACAN, J. (1956-1957). *O Seminário de Jacques Lacan, livro 4: As Relações de Objeto*. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller; Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

um grito cada vez mais crescente, pediam linchamento do sujeito preso no estacionamento. Nós ficamos paradas ali, sem muita reação aparente, tentando suspender qualquer tipo de opinião - um preferir não, nas palavras de Bartleby⁶ - quase como se deixássemos o ritmo da cidade se desenrolar sob nossos olhos, sem querer saber direito os por quês. Tínhamos a impressão de que o Brasil, aquele de Guimarães Rosa, acontecia ali.

Desde o primeiro dia de aproximação ao hospital, pela calçada, perto dos ambulantes, pudemos escutar - e experimentar - que o trabalho que tentávamos vislumbrar, não seria fácil, precisaríamos sustentar um corpo, não só físico, mas também um corpo simbólico e político, implicado e responsabilizado por uma ética; precisaríamos de tempo, para que pudéssemos entender as urgências e emergências de todo aquele contexto. A dor, sofrimento e violência que se atravessaram pelas histórias e acontecimentos daquele dia, reafirmaram a importância de sustentar a presença; de propor uma pesquisa-intervenção onde mantivéssemos a ferida de um país desigual aberta, sem a pretensão de curá-la. Ficou claro para nós, a importância de fazer existir e co-existir as diferenças, ocupar um lugar à margem, transitar pelos corredores fixando pontos, sem deixar que eles nos fixassem. Um modo ambulante e híbrido de pesquisar e intervir.

Esse movimento inaugural de ficar na rua, na calçada do hospital, como um tempo de escuta do contexto, disponível para qualquer acontecimento - como manifestaram os artistas com suas errâncias e happenings - compôs o nosso primeiro passo metodológico, que por ora, apelidamos de *metodologia do encosto*. Ficar parado, observar, sentir os movimentos e fluxos dos intensos vais-e-vens, caminhos e descaminhos, escutar, narrar histórias e se avizinhar com a mais extrema e radical diferença, foi nossa aposta inicial para entrar no hospital.

⁶ MELVILLE, H. Bartleby, o escrevente: uma história de Wall Street. In: AGAMBEN, Giorgio. *Bartleby, ou da contingência*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

Muita coisa aconteceu desde 2015. Já se passaram três anos em que nossa equipe vem percorrendo os infinitos labirintos dos corredores no hospital. Depois de algumas errâncias, encostos e desvios que perduraram todo o fatídico ano de 2016, encontramos um lugar para fixar ponto no Setor de Dor e Cuidados Paliativos. Uma psicóloga do Setor nos acolheu e fez a linha necessária para que pudéssemos compor um tecido, levantando a demanda cotidiana do hospital e sendo intérprete dos tempos, das línguas e dos fios necessários para produzir a pesquisa. No Setor, a equipe multiprofissional tem feito estratégias de cuidado, para amenizar os sintomas de pacientes com dor crônica, e atende também pacientes e familiares em situação de final de vida. Com a parceria dessa equipe, num lugar em que situações-limite são cotidianas - um lugar de fronteira - que tecemos o desenho de um dispositivo dirigido aos pacientes com dor crônica, apostando que um trabalho com a palavra poderia dar caldo e substância para acolher o sofrimento que a dor impõe aos corpos. Dor que não se sabe de onde surge ou o que lhe causa.

Assim elaboramos um dispositivo intitulado *Ateliê Jardim de Histórias* que armou sua banca em 2017, em uma pequena casa de madeira construída no jardim, situada na parte externa do hospital, longe de corredores labirínticos; longe também do Setor que gostaríamos de fixar um ponto, mas em contrapartida, um importante desvio do centro, um movimento ambulante necessário; um certo trânsito moebiano pelo dentro-fora do hospital, fundamental para que o trabalho acontecesse. Esse lugar desenvolveu, por muito tempo, atividades na interface entre arte, educação e saúde, se constituindo como referência para usuários e funcionários do local, mas desde 2016 estava desativado de suas funções. Parecia-nos que aquele era um ótimo lugar para iniciar as atividades, pois iríamos retomar ali ações que pressupunham uma confluência com o que antes já havia sido realizado. O gesto de reabrir a “casa” e instaurar um dispositivo nessa geografia inusitada do hospital, determinou o modo pelo qual construímos

os disparadores para as histórias, uma vez que o lugar guardava uma memória de atividades em torno de grupos, oficinas e práticas de arte. Assim, a consigna que reuniu o grupo de trabalho ao redor de um *fazer*, era muito semelhante ao funcionamento de uma oficina e marcou-se pelo convite para que seus participantes contassem histórias: suas ou do mundo, verdadeiras ou inventadas. Histórias artesanais incitadas pelos próprios encontros, narrativas ficcionais que poderiam ser disparadas por um *fazer* que, apostávamos, desafiaria a palavra a circular entre o grupo e convidaria alguém a tomá-la para si. Nossa aposta era de que as narrativas pudessem constituir uma outra superfície de inscrição da dor, simbolizando aquilo que vem no Real do corpo.

O desenho do dispositivo de intervenção tem inspiração em outros dois projetos: *Arte na Espera* e *Armazém de Histórias Ambulantes*. O *Arte na Espera* é um projeto desenvolvido no Núcleo de Saúde do Adolescente do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Minas Gerais (HC-UFMG), através do projeto Janela da Escuta em parceria com o Instituto Undió, coordenado pela artista Thereza Portes, já o *Armazém de Histórias Ambulantes* é coordenado pela artista Ana Flávia Baldisserotto em parceria com o Atelier Livre de Porto Alegre e o coletivo A Carroça. Atualmente esses dois projetos, ao lado do *Ateliê Jardim de Histórias* e do *Estudantes a la Mesa* (projeto desenvolvido pela artista Ana Laura de La Torre), compõe a *Rede Hilo-Fio*: um conjunto aberto de ações colaborativas e intervenções urbanas, que tem em comum a prática do bordado coletivo em toalhas de mesa de grandes dimensões. Ao se oferecerem como espaços livres de construção coletiva, as toalhas operam pequenos desvios na lógica cotidiana das cidades e dos territórios onde se inserem. Ao acolher e dar suporte à diversidade de vozes que compõem o tecido social, estas ações tem colocado em circulação saberes não hegemônicos e modos de habitar os espaços públicos que se desdobram em questionamentos sobre as noções de autoria, propriedade e bem comum.

Orientados pela ética da psicanálise, pelas contribuições de Walter Benjamin, bem como pelas construções teóricas da Arte Contextual de Paul Ardenne, desenhamos a pesquisa e intervenção, de forma a nos colocarmos no sentido de constituir uma presença, um ponto em que o nosso corpo tramasse linhas para uma disponibilidade de estar-com o outro. Guiados por uma escuta *equiflutuante* e sensível aos movimentos do próprio ritmo que o grupo impunha, convidamos os participantes a construírem um repositório para suas histórias. Novamente nos encostamos, nos aproximamos sem urgência. Ou melhor, tínhamos uma calma apressada, tal como formulou Ítalo Calvino em suas Seis Propostas para o Próximo Milênio⁷.

Após alguns encontros, em que foi possível operar a transferência, oferecemos uma caixa para cada participante, em que esta pudesse funcionar como um arquivo pessoal ao longo dos dias. A caixa seria o lugar onde os participantes depositariam um objeto que escolhessem e, a cada encontro, poderiam revelar o objeto contando uma história disparada por ele. Enquanto apresentávamos a proposta, fizemos o convite para customizar as caixas, que ficariam depositadas num grande baú, como o guardião das memórias do grupo, e também convidamos para que cada um pensasse em um outro nome para si, deixando registrado, no arquivo/caixa, uma marca singular, um nome próprio que fizesse a primeira diferença no espaço.

Passamos aproximadamente 6 meses em torno das histórias dos objetos e dos nomes inventados. Reviramos as caixas e as memórias. Cada um encontrou retalhos de narrativas que constituíram um espaço de troca e de compartilhamento de experiência. Um trabalho intenso de rememoração em que o presente e passado formam nós de uma mesma história. Deste tempo no *Ateliê*, pudemos recolher pelos menos, três elementos

⁷ CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. Trad. Ivo Barroso. 3ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

que tem constituído agenda de discussão com a equipe do Setor, no sentido de ampliar as linhas de cuidado no trato à dor crônica: 1) *Instauração da transferência*: tempo necessário para a produção de um giro discursivo: do escutar para o falar - tornar-se narrador de si; 2) *Validação do relato da dor*: o encontro com pessoas que validem a história de dor como real abre a possibilidade de pensá-la num registro que inclui o orgânico mas não se restringe a ele; 3) *Luto*: as histórias narradas de forma espontânea tem em comum a vivência de perdas ou da sensação de sua iminência.

Um professor-escritor⁸, falou que a festa da literatura – e diríamos aqui, da ficção – é a possibilidade que temos de mexer com os arquivos, brincando diante do esquecimento, embaralhando as recordações. Ele disse também que a “a memória é o grande tema da política” e ao retomar Ricardo Piglia, lançou uma importante questão que traça o pano de fundo dos nossos encontros no Ateliê: “como lidar com a voz dos mortos, /como reconfigurar as narrativas e escrever a história que não foi contada?”

Atualmente o *Ateliê Jardim de Histórias* tomou outros desvios pelos corredores. Nosso ponto teve que sair da pequena casa de madeira que ficava no jardim do hospital e voltar a fazer novas itinerâncias. No início desse ano, tivemos a derradeira notícia de que precisaríamos sair desse espaço, com a máxima urgência, pois ele estava em vias de ser destruído para dar espaço a um novo prédio. Nossa primeira reação foi de imensa frustração, não concordávamos que um lugar destinado a cultura, viesse abaixo e que toda uma história corresse risco de cair no esquecimento. Tínhamos o intenso desejo de suspender as urgências e frear a sensação de desmantelamento vivido em várias esferas no país. Porém pouco podíamos fazer diante dos imperativos e demandas que vinham da instituição. Percebemos que seria interessante retomar os corredores

⁸ MONTEIRO, P. M. *Literatura e Respiração: Ricardo Piglia (1940-2017)*. Disponível em: <https://meiramonteiro.com/literatura-e-respiracao-ricardo-piglia-1940-2017>. Acessado em: 10 de novembro de 2018.

do hospital, se perder pelos labirintos e encontrar um outro ponto que pudesse acolher nossa *barraquinha*.

No início de 2018, depois de algumas articulações com a equipe do setor e a gestão do hospital, conseguimos uma pequena sala - que não fica exatamente dentro do hospital, mas um pouco mais próximo do Setor. Decidimos assim, que começaríamos a bordar uma toalha em companhia, tal como já havíamos feito em festas e reuniões promovidas pela equipe de saúde comunitária, ainda nos anos de 2015-2016, em parceria com o projeto Bordado Inventado na Praça⁹. Convidamos os pacientes a bordar suas histórias com linha e agulha numa grande toalha estendida em cima de uma maca hospitalar. A ideia era que a toalha fosse um pretexto, um dispositivo para a disponibilidade de estar junto em torno de um fazer, tecendo histórias; que a toalha fosse um tecido comum, capaz de oferecer uma superfície para que as memórias se inscrevessem. Uma forma talvez, para que a dor, significada como apenas orgânica, se deslocasse para outro registro de significação, mais simbólico. A toalha como uma “superfície de passagem” que oferece um lugar para a singularidade de histórias serem compartilhadas e ressignificadas. Assim, abrimos uma caixa de costura no hospital, uma caixa inusitada para tal contexto, porém, suspeitamos, tal como Benjamin, que ela pode ser “destinada a outro tipo de tarefa que não à costura”¹⁰.

As agulhas subindo e descendo enquanto as palavras vão se fiando. As mãos se entrelaçando e o corpo disputando um espaço na toalha. Os carretéis e linhas colorindo a mesa-maca ao mesmo tempo que palavras e desenhos vão marcando o pano. O rastro deixado pelas agulhas denuncia uma certa descontinuidade: uma

⁹ O Bordado Inventado na Praça é um projeto colaborativo de ênfase contextual, voltado para a construção de vínculos sociais e criativos com a comunidade da Praça Lupicínio Rodrigues, localizada no Bairro Menino Deus, em Porto Alegre. A metodologia de trabalho prevê três tempos e dimensões de ação: as rodas de bordado, as festas e o cine-lençol. Saber mais em: www.bordadonapraca.com.br

¹⁰ BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas II*: Rua de mão única. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo, Brasiliense, 2000. p. 128-129.

pequena cicatriz nos tecidos¹¹. Costura, escrita, memória. O trabalho com a ficção e fixação acontece e ao bordar na toalha - e ser bordado por ela - se abre a possibilidade de trilhar uma narrativa, de ser sujeito de sua própria experiência.

Lembremos agora, para finalizar, Walter Benjamin, em um fragmento intitulado Caixa de Costura, no Infância em Berlim por volta de 1900¹² quando ele faz referência a caixa de costura de sua mãe e a atividade em torno do bordado na sua infância. Quase como que confessando o roubo de uma joia rara, ele relembra uma memória: “[...] a medida que o papel abria caminho à agulha com um leve estalo, eu cedia à tentação de me apaixonar pelo reticulado avesso que ia ficando mais confuso a cada ponto dado, com o qual, no direito, me aproximava da meta”¹³. A paixão por aquilo que se forma no avesso. Um encantamento pelas linhas que se entrecruzam sem um destino certo, mas que se deixam perder em desvios para, em cima, modular uma imagem. Ou seja, Benjamin convoca a olhar para aquilo que não se vê; supõe na contramão uma possibilidade. A linha que vemos na superfície, é sustentada pela linha que faz os desvios, pelo traçado do avesso que só pode ser visto, na medida que a curiosidade revira o tecido - “[...] método é caminho indireto, é desvio”¹⁴, disse Benjamin. “Método é desvio”, reafirmou o escritor português Gonçalo M. Tavares na companhia de Maria Filomena Molder¹⁵.

E assim, o avesso da toalha tem sido uma forma que revela nosso percurso de pesquisa-intervenção: pelos desvios, que construímos nossos caminhos; um método. É pela via

¹¹ RICKES, S. M. *No fio da palavra*. Organon (UFRGS), v. 40/41, p. 17-28, 2006

¹² BENJAMIN, W. Infância em Berlim por volta de 1900. In: *Obras escolhidas II: Rua de mão única*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

¹³ BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas II: Rua de mão única*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa, 2000. p. 128-129.

¹⁴ BENJAMIN, W. *Origem do drama barroco alemão*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1984. p.50.

¹⁵ TAVARES, G. M. *Breves notas sobre as ligações (Llansol, Molder e Zambrano)*. Lisboa: Relógio D'Água, 2009

desencontrada dos corredores labirínticos, do transitar ambulante, que tecemos nossa permanência, nosso ponto fixo.

O trabalho que fica por baixo e ninguém vê: nossos pontos fixos, desviantes.

Referências

ARDENE, P. *Un art contextuel. Création artistique em milieu urbain, em situation, d'intervention, de participation*. Paris: Flammarion, 2004.

BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas II: Rua de mão única*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo, Brasiliense, 2000.

_____. Infância em Berlim por volta de 1900. In: *Obras escolhidas II: Rua de mão única*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

_____. *Origem do drama barroco alemão*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1984.

CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. Trad. Ivo Barroso. 3ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

LACAN, J. (1956-1957). LACAN, J. (1956-1957). *O Seminário de Jacques Lacan, livro 4: As Relações de Objeto*. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller; Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

MELVILLE, H. Bartleby, o escrevente: uma história de Wall Street. In: AGAMBEN, Giorgio. *Bartleby, ou da contingência*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

RICKES, S. M. *No fio da palavra*. Organon (UFRGS), v. 40/41, p. 17-28, 2006.

TAVARES, G. M. *Breves notas sobre as ligações (Llansol, Molder e Zambrano)*. Lisboa: Relógio D'Água, 2009.